

**MÓIN-MÓIN**

REVISTA DE ESTUDOS SOBRE TEATRO DE FORMAS ANIMADAS:  
35 ANOS DO TEATRO LAMBE-LAMBE NO BRASIL  
Florianópolis, v. 2, n.30, p. 69 - 81, outubro de 2024  
E - ISSN: 2595.0347

## A Poética do Singelo: reflexões lambeiras sobre brechas, humildade e sementeira

**Pedro Cobra**

Cia. PlastikOnírica (São Paulo, Brasil)



**Figura 1** – Foto do espetáculo *Entr3*, da Cia. PlastikOnírica.  
Fotógrafa: Nadja Kouchi

DOI: <https://doi.org/10.5965/2595034702302024069>

## A Poética do Singelo: reflexões lambeiras sobre brechas, humildade e sementeira<sup>1</sup>

Pedro Cobra<sup>2</sup>

**Resumo:** Neste artigo, o autor aborda os aspectos de uma Poética do Singelo aplicada à prática do Teatro Lambe-Lambe. Perpassando por temas essenciais ao desenvolvimento da referida linguagem cênica no que concerne seu encontro com as parcerias criativas e com o público, tais como a ação pelas brechas, a humildade, a singularidade, a simplicidade e a sinceridade refletindo sobre o processo de disseminação do Teatro Lambe-Lambe no mundo.

**Palavras-chave:** Lambe-Lambe; Brechas; Humildade; Singelo; Sementeira.

## The Poetics of the Simple: Lambe-lambe reflections on gaps, humility and seeding

**Abstract:** In this article, the author addresses aspects of a Poetics of the Simple applied to the practice of the Lambe-Lambe Theater. Going through essential themes to the development of the aforementioned scenic language in terms of its encounter with creative partnerships and the public, such as action through gaps, humility, singularity, simplicity and sincerity, reflecting on the process of dissemination of the Lambe-Lambe Theater in the world.

**Keywords:** Lambe-Lambe; Gaps; Humility; Simple; Seeding.

<sup>1</sup> Data de submissão do artigo: 30/06/2024 | Data de aprovação do artigo: 13/08/24.

<sup>2</sup> Artista multidisciplinar investigador do hibridismo do teatro com as outras artes. Integrante da Cia. PlastikOnírica na qual trabalha como bonequeiro, lambe-lambeiro, ator, pesquisador, produtor e diretor artístico. Possui graduação em Licenciatura em Arte-Teatro na Universidade Estadual Paulista – Unesp e mestrado em Teorias e Práticas do Teatro Contemporâneo pela Université de Lille, na França, onde desenvolveu pesquisa sobre a história e a poética do Teatro Lambe-Lambe intitulada *O Teatro Lambe-Lambe – Sua história e poesia do pequeno*. Com os espetáculos *Saudade*, *A Fiandeira* e *Entr’E*, participou profissionalmente de diversas mostras e festivais de Teatro de Formas Animadas e Arte de Rua no Brasil e em países da América do Sul, Europa, África e Ásia. Mais recentemente, com a Cia. PlastikOnírica, estreou *Memórias d’Omar* (2023), uma intervenção cênica com animação de boneco híbrido, objetos e kamishibai para espaços públicos e não convencionais. Dedicar-se também à produção de mostras e atividades formativas de Teatro Lambe-Lambe e formas animadas na região da Baixada Santista e outras localidades de forma presencial e virtual. Durante o período de pandemia de COVID-19, produziu diversos eventos virtuais como o PAPO LAMBEIRO, programa de bate-papo ao vivo sobre o Teatro Lambe-Lambe, além de produzir e participar de festivais virtuais com os espetáculos da Cia. PlastikOnírica. Membro do corpo docente da Diplomatura Universitária em Teatro de Títeres com especialização em Teatro Lambe-Lambe (organizado por La Máscara/UNCAUS – Universidad del Chaco Austral) em El Chaco/Argentina. Possui artigos publicados nas revistas *Aspas* (organizada pela USP – Universidade de São Paulo), *Mamulengo* (organizada pela ABTB – Associação Brasileira de Teatro de Bonecos) e *Anima* (organizada pelo Grupo Girino). E-mail: [plastikonirica@gmail.com](mailto:plastikonirica@gmail.com) / ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-7746-8663>.

*À Denise di Santos e Ismine Lima,  
pelos 35 anos de invenção compartilhada.*

*À Larissa Miyashiro e à Felipe Zacchi,  
pela parceria e amizade nas andanças no mundo com o Teatro Lambe-Lambe.*

*Às companhias das últimas aventuras lambistas,  
Maria Banova, equipe e artistas do 3º Festival THEATROSCOPE,  
Pontos de Fiandeiras, Juliana Notari e Lourdes Maria Rosa  
pela inspiração e ideias presentes neste artigo.*

Vivemos tempos de muita informação, de muito discurso e pouca escuta. E por escuta, para além da mera audição, me refiro à atenção ao outro, aos contextos e às ideias que estão ao nosso entorno. A globalização que nos foi vendida como sinônimo de conexão e encurtamento de distâncias e de fronteiras, se revelou finalmente como mais uma faceta do imperialismo capitalista que insiste em homogeneizar a experiência da vida humana neste planeta. A quem interessa um povo que vende sua força de trabalho, sua criatividade e seu tempo de vida para o enriquecimento de poucos? Qual comunidade planetária estamos a construir com um povo anestesiado pelas ilusões de pertencimento através do consumo e da propriedade de coisas supérfluas? Quantos modos de vida diversos estamos a perder com os desmatamentos de biomas, de culturas e de sonhos? Quantos aprendizados estamos a desperdiçar com as monoculturas nos campos de terra e nos campos de ideias? Quantas gerações serão ainda escravizadas pelos latifúndios do capital e do poder que se estendem a perder de vista limitando horizontes e perspectivas? Neste cenário, a falta de escuta não é somente um sintoma ou uma sequela, é um projeto.

Quando se tem muito discurso e pouca escuta, temos uma massa de indivíduos cheios de si, convencidos das razões algorítmicas que lhe foram atribuídas, enxergando o mundo apenas pelo filtro da própria verdade. Assim, seguimos desarticulados, presos nas redes virtuais da pós-verdade, vivendo uma estranha solidão em bandos cada vez mais numerosos. Frente ao tamanho da catástrofe capitalista para o exercício da liberdade humana, é preciso

encontrar as brechas por onde podemos nos mover para fomentar uma escuta sensível e permeável aos mundos pelos quais transitamos, a favor dos mundos que queremos construir. As brechas existem nos mais variados espaços do cotidiano, mas se faz necessária uma militância para identificá-las e, sobretudo, para atuar pelas estreitezas. Apesar dos esforços neoliberais em desqualificar nossa educação e nossa arte enquanto formação de indivíduos e cidadãos, invertendo seus valores para a reprodução em série de consumidores, a escola e os espaços artísticos ainda se apresentam como uma potência na atuação pelas brechas. Tanto é que o Teatro Lambe-Lambe se originou dentro de uma sala de aula em Salvador, Bahia, em 1989, pelas mentes e mãos de duas professoras e bonequeiras preocupadas com o verdadeiro sentido do aprender e ensinar: a escuta ao outro, o encontro atento entre docência e discência, abordando as experiências vividas no trilhar do conhecimento. Denise Di Santos e Ismine Lima, ao agirem artisticamente por uma brecha no sistema educacional, com *A Dança do Parto*, primeiro espetáculo de Teatro Lambe-Lambe do mundo, para além de atenderem uma necessidade de sala de aula na direção da emancipação do pensar em relação à sexualidade e à saúde das mulheres e dos bebês, criaram, sem qualquer pretensão, uma plataforma de escuta por meio de uma linguagem cênica que se vale do pequeno e do singelo.

O Teatro Lambe-Lambe, com seus espetáculos diminutos, busca atuar nas brechas do cotidiano através de uma Poética do Singelo. O singelo, em sua completude de sentidos, é parte fundamental da genética do Teatro Lambe-Lambe e só pode ser alcançado com o exercício da humildade. Trata-se de uma prática que atravessa tanto o processo criativo, quanto as apresentações de um espetáculo lambe-lambe e se estende à vida em coletividade.

Durante o desenvolvimento de um espetáculo lambe-lambe, tal exercício de humildade nos guia na escolha de um tema, de uma intimidade que valha sua transmutação em segredo cênico a ser compartilhado por meio de minutos e miudezas. Esse mesmo exercício continua, nos apontando os melhores caminhos para as diversas escolhas e renúncias as quais nos exige o processo criativo de síntese. Na prática, nem todas as nossas ideias e quereres podem

caber na pequena casa de espetáculos do Teatro Lambe-Lambe. A humildade nos ajuda a nos despir de nossas idealizações, de nossos apegos formais e dos conceitos acadêmicos, buscando aqui e ali o que se pode com o que se tem à disposição no momento, concretizando uma via plausível para o que se quer. Desta forma, a humildade nos abre à escuta atenta e ativa em nossos encontros com os materiais e com as parcerias durante o processo criativo. Humilde é a(o) artista que permite que os objetos e matérias possam desempenhar neste mundo um papel poético e subjetivo para além de suas funções utilitárias. Mais humilde ainda, é aquela(e) que se permite moldar por esses objetos e matérias, abrindo a criação à manifestação do possível para atingir a metáfora, a memória, o sonho e, portanto, o impossível.



**Figura 2** – Foto do espetáculo *Entr3*, da Cia. PlastikOnírica durante o 5º JAMC – *Journées des Arts de la Marionnette de Carthage* - Tunísia. Fotógrafo: Dorsaf Bedoui.

Com as parcerias, a humildade é essencial para a harmonização das intimidades, expectativas e saberes que precisam ser conjugados durante o processo criativo e a vida do espetáculo lambe-lambe. Mesmo sendo em pequeno formato, um espetáculo lambe-lambe tem todos os elementos de uma

obra teatral convencional, exigindo técnica e inventividade nos mais variados quesitos criativos tais como dramaturgia, iluminação, sonoplastia, cenografia, atuação, manipulação, direção, confecção, produção entre outros. Logo, pela natureza coletiva das artes cênicas, a criação de uma obra de Teatro Lambe-Lambe se trata de um processo complexo que requer também uma equipe desempenhando diferentes funções para seu acabamento e sofisticação. E pelo Teatro Lambe-Lambe elevar a efemeridade das artes cênicas à última potência, o laço que envolve a equipe criativa tem que ser o da humildade para que cada pessoa envolvida possa se inserir com suas próprias intimidades e concepções numa dança de dar e receber. Assim, aprende-se a conviver e o espetáculo floresce a partir de uma verdade coletiva genuína que poderá atingir em cheio os corações e mentes das(os) espectadoras(es).

A humildade nos abre à percepção das brechas e de suas oportunidades de transformação, sobretudo no encontro do Teatro Lambe-Lambe com o público. Primeiramente, há o exercício de nos inserir no espaço-tempo de uma praça, de uma feira, de uma calçada, respeitando e se adequando da melhor forma às dinâmicas do entorno e sendo, ao mesmo tempo, um elemento novo naquela paisagem, um notável corpo estranho para seus habitantes e um convite para o mistério. Então, iniciada a função, quando abrimos espaço no espetáculo para o público se projetar em nossas narrativas, sejam elas de qualquer natureza: textuais, visuais, sonoras, etc, o espetáculo em miniatura abre fendas na realidade e se converte em pontes de conhecimento de si mesmo(a) por meio do encontro com o outro. A humildade de deixar de lado os detalhes dos nossos próprios dramas e de praticar a dissolução dos egos, na busca por aquilo que é essencial no tema escolhido e que nos move enquanto humanidade, convida as pessoas que assistem a mergulharem profundamente nas diversas camadas da obra, abrindo caminhos para os sentimentos e para a imaginação. Assim sendo, a humildade abre espaço para a generosidade no trato com a idiossincrasia de cada espectador(a).

Entendido o lugar da humildade e da generosidade no espírito criativo lambista, a Poética do Singelo no Teatro Lambe-Lambe se manifesta, então,

como uma plataforma criativa alicerçada na singularidade, na simplicidade e na sinceridade.

A singularidade se expressa, primeiramente, na capacidade do Teatro Lambe-Lambe de abarcar uma infinidade de técnicas, invenções e temáticas a depender do repertório, vontades e limites das criatividades de suas e seus artistas. Cada caixa cênica, cada mini sala de espetáculos é única pois reflete diretamente as particularidades das pessoas envolvidas em sua criação. Esta flexibilidade estética e técnica que a linguagem oferece às e aos artistas, confere ao conjunto dos espetáculos lambe-lambe no mundo uma admirável diversidade de formas e propostas cênicas a encantar o público, cada uma a sua maneira, por meio dos olhares e das artesanias únicas de seus criadores e criadoras.

A singularidade na Poética do Singelo também se manifesta na relação com cada pessoa do público. A apresentação teatral individualizada, para além do segredo compartilhado de maneira irrepetível na brevidade dos minutos, valoriza a existência da pessoa espectadora enquanto ser humano complexo, repleto de suas próprias experiências e único no mundo. Tal respeito às singularidades das pessoas espectadoras, reverenciando os seus diferentes contextos em cada espaço onde podem-se inserir os espetáculos lambe-lambe, reforça a potência criativa do indivíduo diante da tendência massificante da cultura hegemônica midiática e capitalista que subestima o potencial estético de cada ser humano. Na contramão, o Teatro Lambe-Lambe se assegura na profunda consideração da trajetória de quem o assiste e, por isso, tem o poder de reacender o brilho nos olhos pelo calor dos afetos e por acreditar nas potências diversas de cada ser humano que espera na fila a sua vez de espiar o espetáculo, de jogar com os sentidos e de se permear com o invisível.

Já a simplicidade inerente a uma Poética do Singelo se manifesta na escolha dos materiais que comporão o espetáculo e nas maneiras de organizá-los em cena. A simplicidade nos leva à praticidade de estruturas e equipamentos que nos permitem viajar de forma descomplicada e caber em praticamente qualquer espaço de apresentação. A simplicidade também é uma grande aliada da dramaturgia de síntese pois indica o caminho do possível na criação de

roteiros e na sua realização em cena com o público. No entanto, alcançar o simples não é fácil e se faz necessária muita pesquisa e experimentação.

A vida nas cidades voltada ao macro, com seus altos edifícios a recortar o céu, com sua publicidade a estampar cada canto vazio com panfletos, cartazes, *outdoors* e anúncios luminosos gigantes, com seu movimento agitado de automóveis e pessoas, doutrina o nosso olhar ao grande, ao escandaloso, ao que é apelativo para se impor no barroco desordenado de um grande centro urbano. Para alcançar o simples, precisamos inverter a lógica desse olhar ofuscado pelo macro na busca do cerne de uma ideia, de um sentimento, de uma história ou narrativa. Assim como para ver as estrelas precisamos de escuridão, para chegar ao simples na criação de um lambe-lambe, é preciso concentrar a atenção nos valores intrínsecos às miudezas. Isto é sobre desapegar da reprodução dos efeitos do grande e simplesmente ver o que se pode fazer com o pequeno. Assim, descobre-se logo que o menos não é mais. O menos é o suficiente!



**Figura 3** – Foto do espetáculo *A Fiandeira*, da Cia. PlastikOnírica.

Fotógrafa: Nadja Kouchi.

O simples na Poética do Singelo nos convida então a uma “apologia da sobriedade” como disse Pepe Mujica no documentário *Human* de Yann Arthus-Bertrand:

Ou você é feliz com pouco, com pouca bagagem, porque a felicidade está dentro de você, ou não consegue nada. Isso não é uma apologia da pobreza. Isto é uma apologia da sobriedade. Só que inventamos uma sociedade de consumo, consumista. E a economia tem que crescer, porque se não cresce é uma tragédia. Inventamos uma montanha de consumos supérfluos que tem que descartar e viver comprando e descartando. Mas o que se gasta é tempo de vida. Porque quando eu compro algo, ou tu compras, não compramos com dinheiro. Compramos com o tempo de vida que tivemos que gastar para ter esse dinheiro. Mas com esta diferença: a única coisa que não se pode comprar é a vida. A vida se gasta. E é miserável gastar a vida para perder a liberdade. (MUJICA, Pepe. *Human*. Vol. 1, 2015, Arthus-Bertrand, Y. (Diretor), 75:07. Tradução própria.)

A sobriedade nos assinala o que é realmente necessário para a comunicação estética e empática com o público. Esta comunicação deve acontecer em um curto espaço de tempo e, por isso, precisa de clareza e objetividade em sua poesia. A sobriedade nos convida ao refinamento dos estímulos, à renúncia ao supérfluo, à estrita seleção dos elementos plásticos e das ações que provocarão no público diferentes leituras, durante frágeis instantes. Cada peça do espetáculo precisa ser ajustada delicadamente como um mecanismo de relojoaria, onde a lapidação e o movimento de cada elemento será essencial para o desenrolar da obra e para o encantamento da(o) espectador(a). Esta sobriedade na prática lambista nos convida também a entender que, mesmo com os direcionamentos e propostas estéticas e técnicas das(os) artistas, cada pessoa do público tem, acima de tudo, o direito de fruir a sua maneira. E esse direito à livre imaginação só se reforça com o estado de solitude do público dentro da casa de espetáculos do Teatro Lambe-Lambe. Por meio dessa escuta da própria companhia guiada pela poesia do pequeno, a simplicidade abre, então, o Teatro Lambe-Lambe ao exercício da liberdade ao proporcionar um ambiente de troca horizontal e democrático.

Para se instaurar um ambiente de escuta e de encontro com uma pessoa desconhecida, além da singularidade e da simplicidade, uma Poética do Singelo se constrói também a partir da sinceridade. O Teatro Lambe-Lambe nos

presenteia com uma relação de grande proximidade e intimidade com nosso público. Como poucas oportunidades na arte e na vida, como artistas lambistas, temos a chance de saber o nome de cada pessoa que vem assistir ao espetáculo e de trocar saberes e experiências com elas por alguns momentos. Este é um momento de grande magnitude, um diferencial desta linguagem cênica que deve ser valorizado e aproveitado da melhor maneira no desenrolar da função. Tamanha proximidade não nos permite fingir ou escamotear sem notícia. Logo, nada melhor do que a franqueza do olho no olho e do espaço de um sorriso para firmar acordos fundamentais para o rito cênico do Teatro Lambe-Lambe e, desta forma, ganhar a confiança do público em alguns segundos.

Ao espiar um espetáculo lambe-lambe, o público se lança voluntariamente numa viagem com destino ao desconhecido e isso exige, além de curiosidade, coragem. A sinceridade no trato especial com cada espectador(a), trará a segurança necessária para o público deixar-se conduzir por um mistério dentro de um aparato cênico incomum, gerido por uma pessoa estranha que acaba de se apresentar. Esta mesma sinceridade deverá transparecer também na execução do espetáculo, na animação das figuras e na operação dos elementos técnicos. O teatro se vale de ilusões e efeitos que devem ser sinceros com o público que se deixa iludir para revelar verdades profundas e sentimentos encobertos. A sinceridade pode e deve usar truques de ilusionismo, mudanças inesperadas de cenário, efeitos de luzes entre outras tantas surpresas, para instigar o olhar do público, para cativar emoções e promover a mágica do arrebatamento, a sensação de êxtase proveniente da conexão real entre seres humanos diversos por meio dos laços impalpáveis que nos unem enquanto comunidade e espécie. Por fim, a sinceridade continua na despedida do público, no abraço ao final do espetáculo ou no espaço que se dá para escutar um relato, uma crítica, uma memória ou, simplesmente, deixar a pessoa atravessar a emoção suscitada e se recompor para seguir, de alguma forma transformada, a caminhada de volta ao mundo cotidiano.

Quando a humildade fertiliza as brechas no sistema social ao arar o campo artístico, o fazimento de uma Poética do Singelo nas mais diversas

formas e abordagens, semeia o Teatro Lambe-Lambe nos mais variados contextos e lugares. Não é à toa que o Teatro Lambe-Lambe, em apenas 35 anos, vem florescendo no mundo de uma maneira tão plural e pujante, alcançando ao menos 36 países<sup>3</sup> até onde pude mapear! É evidente que esta rápida disseminação também se deve ao fato de diversos outros dispositivos ópticos e técnicas de representar o mundo exterior dentro de uma caixa terem preparado o terreno para a experiência contemporânea do Teatro Lambe-Lambe. Aparatos reunidos pela denominação *Peep Shows*<sup>4</sup>, populares do século XVI ao começo do século XX, como os *raree shows*, *tutilimundi*, *mundinovi*, *titirimundi*, *toy theatre*, *kinetoscópio*, *mutoscópio* entre outros, cada um com seus próprios procedimentos de execução, propostas estéticas e de relacionamento com o público de seus ambientes, certamente nutriram a experiência humana até a concatenação histórica do surgimento do Teatro Lambe-Lambe. Ao mesmo tempo, é vital afirmar que tal histórico só reforça a originalidade do Teatro Lambe-Lambe por Denise e Ismine. Ao contrário do que alguns dizem por aí – seja por ignorância (melhor das condições) ou seja por perversidade em não querer reconhecer uma história de luta, de ação pedagógica e (re)existência artística de duas mulheres negras e nordestinas – o Teatro Lambe-Lambe é uma criação brasileira que, assim como os *Peep Shows* antecedentes, tem suas próprias especificidades enquanto linguagem teatral voltada ao público de seu espaço-tempo.

Num sistema em que até as ideias viram mercadoria e propriedade, há uma grande preocupação com a originalidade. No entanto, me parece que a originalidade sempre teve mais a ver com a capacidade de digerir referências, fazê-las parte de si e encontrar um meio de expressar-se à sua maneira,

---

<sup>3</sup> Brasil, Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Costa Rica, El Salvador, Guatemala, México, EUA, Canadá, Islândia, Inglaterra, Irlanda, Portugal, Espanha, França, Bélgica, Suíça, Itália, Alemanha, Suécia, Bulgária, Romênia, África do Sul, Tunísia, Tailândia, Indonésia, Coreia do Sul, Okinawa/Japão e Austrália.

<sup>4</sup> Espetáculos para espiar (Tradução própria).

oferecendo-se ao outro e arriscando-se no mundo. Claro que não se pode ser ingênuo, infelizmente existem aproveitadores e para demarcar espaços nas narrativas da História, com seriedade e ao mesmo tempo com leveza, é essencial comemorar o Teatro Lambe-Lambe, ou seja, recordar com nossos pares o seu invento e a sua geração por Denise Di Santos e Ismine Lima, suas duas mães artistas educadoras. E é este histórico artístico pedagógico, latino-americano e brasileiro que não nos deixa esquecer que o fazer do Teatro Lambe-Lambe está centrado no encontro entre pessoas, na escuta da diversidade e na valorização do vir a ser.

Aí está uma das principais autenticidades da linguagem teatral lambista: o enaltecimento de nossa diversidade e potência criativa, transformadora de nosso entorno. O respeito pelo vir a ser e a singeleza das formas e procederes do Teatro Lambe-Lambe cativam as pessoas ao redor do globo que decidem continuar com tal linguagem cênica em seus territórios. Trata-se de uma visão do encontro que remonta à tradição e à civilidade dos povos de territórios africanos como os que hoje conhecemos por Mali e Burquina Faso. Na cosmovisão de seu povo, o *griot* burquinense do Mali, Sotigui Kouyaté, nos conta que o equivalente ao termo “teatro” é o termo “nyogolon” que significa “conhecer-nos” e participar de seu evento se configura como “uma oportunidade de troca e abertura, um encontro para aclarar a visão” (Kouyaté, 2007). De alguma forma, em seu próprio contexto, aí está também o poder de encantamento do Teatro Lambe-Lambe sobre as(os) artistas e públicos em diferentes lugares do mundo. O Teatro Lambe-Lambe vai buscar esta predisposição à troca e à escuta naqueles e naquelas que seguirão com seu ofício. O Teatro Lambe-Lambe escolhe assim as suas e os seus artistas, não importando o currículo ou a formação acadêmica, formando um grupo bastante heterogêneo pelo mundo que enriquece a linguagem com seus saberes e soluções. Como contribui novamente Sotigui Kouyaté, “é na diferença que encontramos a via da complementaridade” (Kouyaté, 2007). Do Brasil à Bulgária, do Chile à Tunísia, da França ao Japão, a necessidade de nos reconhecermos e de nos conectarmos profundamente com nós mesmos, com o outro e com o nosso entorno nos une enquanto comunidade

lambeira e enquanto humanidade. Que a sementeira do Teatro Lambe-Lambe siga nos oferecendo espaços de intercâmbio, de sonho e de ampliação de horizontes por muitos anos! Que nossas semelhanças e diferenças enquanto espécie humana sigam coexistindo no exercício de imaginar e construir realidades plurais e diversas baseadas na humildade e na singeleza, de dentro das caixas cênicas para lambe o mundo.

### Referências

KOUYATÉ, Sotigui. Sotigui Kouyaté, Um griot no Brasil. [Entrevista concedida a] Handfest, Alexandre (Diretor). Sotigui Kouyaté, Um griot no Brasil [Filme/YouTube]. Brasil: SESC TV, 2007. Disponível em: [https://youtu.be/sJd1te\\_3pjl](https://youtu.be/sJd1te_3pjl)

MUJICA, Pepe. Human [Filme/YouTube]. [Entrevista concedida a] Arthus-Bertrand, Y. (Diretor), & Gilard, F. (Produtor). Human [Filme/YouTube]. França: Humankind Production, Vol. 1, 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FpfsXQKG8vY>